

CONTORNANDO VELHAS DIFICULDADES PERANTE NOVAS DEMANDAS:

O MUSEU CÂMARA CASCU DO DA UFRN
COMO ESTUDO DE CASO

JACQUELINE SOUZA SILVA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE,
NATAL, RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL

Doutoranda em História e Filosofia da Ciência, com especialização em Museologia, na
Universidade de Évora, em Portugal. Museóloga do Museu Câmara Cascudo da UFRN.
Tem orientado suas pesquisas para a História das Instituições e coleções científicas.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8193-3210>

E-mail: jacsouza@gmail.com

GLAUDSON FREIRE DE ALBUQUERQUE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DO NORTE, NATAL, RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL

Graduando do Curso de Ciências Biológicas. Foi estagiário do Setor de Paleontologia
e bolsista de apoio técnico no Museu Câmara Cascudo da UFRN, onde desenvolveu
atividades de divulgação científica.

E-mail: albuquerque.gfa@gmail.com

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i32p112-143>

RECEBIDO

30/06/2020

APROVADO

14/10/2021

CONTORNANDO VELHAS DIFICULDADES PERANTE NOVAS DEMANDAS: O MUSEU CÂMARA CASCU DO DA UFRN COMO ESTUDO DE CASO

JACQUELINE SOUZA SILVA, GLAUDSON FREIRE DE ALBUQUERQUE

RESUMO

O Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte celebrou, em 2020, 60 anos de sua fundação enfrentando inúmeros desafios alusivos não só ao campo da museologia como ao ambiente universitário. Este trabalho objetiva narrar um breve histórico da trajetória do museu com foco nas interferências, positivas e negativas, de políticas da UFRN, principalmente as políticas culturais/museais. Pretendemos mostrar como a referida instituição vem implementando medidas positivas mais ostensivamente ao longo de sua sexta década de existência, tais como o aprimoramento de suas exposições, das ações educativas, de acessibilidade, de engajamento com o público e uso de novas tecnologias, combinadas com a expansão qualificada do seu quadro funcional. Assim, nesses últimos dez anos, o museu vem buscando alinhar-se às exigências impostas aos museus no século XXI, tendo como grande instituição fomentadora destas ações a própria UFRN.

PALAVRAS-CHAVE

Museus de ciência e tecnologia, Divulgação científica, Extensão universitária, Museus universitários.

DEALING WITH OLD DIFFICULTIES IN FACE OF NEW DEMANDS: CÂMARA CASCU DO MUSEUM OF THE UFRN AS A CASE STUDY

JACQUELINE SOUZA, GLAUDSON FREIRE DE ALBUQUERQUE

ABSTRACT

The Câmara Cascudo Museum of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte celebrated, in 2020, 60 years of its foundation facing numerous challenges related not only to the field of museology, but to the university environment. This work aims to narrate a brief history of the museum's trajectory with a focus on interferences, positive and negative, of UFRN policies, mainly cultural/museum policies. We intend to show how the institution has been implementing positive measures more ostensibly throughout its sixth decade of existence, such as the improvement of its exhibitions, of educational actions, of accessibility, of engagement with the public, and the use of new technologies combined with the qualified expansion of its staff. Thus, in the last ten years, the museum has sought to align itself with the requirements imposed on museums in the 21st century, having UFRN itself as a major institution that promotes these actions.

KEYWORDS

Science and technology museums, Scientific dissemination, University extension, University museums.

1 APRESENTAÇÃO

Atualmente, impõe-se às instituições museológicas grandes desafios para que elas possam se adequar às demandas do século XXI e, assim, exercer plenamente a sua função social. Soma-se a isso, no caso dos museus universitários, uma série de dificuldades inerentes a sua condição, tornando este empreendimento uma tarefa extremamente complexa.

Neste trabalho, apresentamos um estudo de caso do Museu Câmara Cascudo (MCC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em que são abordadas as principais tensões e dificuldades relativas à relação do museu com a universidade e como, ao longo de sua sexta década de existência, ele vem buscando contornar os seus problemas e melhorar os seus serviços.

Documentamos e compartilhamos neste artigo uma série de medidas que representam passos importantes para a consolidação das propostas que visam a modernização e a adequação do MCC aos novos desafios da contemporaneidade. Além de propor reflexões sobre a condição dos museus universitários, este trabalho se justifica pelo compartilhamento de experiências, que incluem medidas e soluções simples que podem ser adotadas por outras instituições museológicas.

Em acréscimo, atribuímos a este trabalho um outro caráter relevante: as diversas ações desenvolvidas pelo MCC que serão apresentadas

não tinham, até então, sido reunidas em um registro único e analisadas de forma conjunta. Neste artigo, trazemos um panorama do período em questão que nos permite identificá-lo como uma nova fase da instituição. Por isso o esforço deste trabalho em delinear esse período contextualizando e relacionando as suas ações também se mostra útil e pertinente no contexto do registro da história recente da instituição.

A metodologia adotada para a realização deste trabalho consistiu na consulta às fontes de referência e no levantamento de documentos oficiais da instituição, depositados no Arquivo Documental do Museu Câmara Cascudo, e dos repositórios digitais da UFRN, tendo sido consultados livros de ata, relatórios, projetos, programas de extensão e relatórios de gestão. Este trabalho realizou, ainda, a coleta de depoimentos de servidores e ex-servidores da instituição e se baseou na vivência dos autores nos eventos relatados no recorte temporal de 2010 a 2020.

2 UNIVERSIDADES EM TRANSFORMAÇÃO, MUSEUS EM DIFICULDADES

Nos últimos 50 anos, em todo o mundo, as universidades passaram por transformações para atender as exigências políticas, econômicas e sociais. Faculdades, departamentos e cursos foram reorganizados e adaptados às necessidades de formação de profissionais para o mercado de trabalho. Ademais, houve um aumento significativo da busca pelo acesso ao ensino superior, o que motivou a abertura de novas vagas e novos cursos, assim como de uma ampla cobrança para que as universidades apoiem o desenvolvimento da sociedade, sobretudo em âmbito local e regional. Entretanto, parte das universidades sofre com orçamento e pessoal insuficientes para atender às novas exigências.

Algumas dificuldades enfrentadas pelas universidades tiveram e continuam tendo impacto direto nos seus museus. Estes foram amplamente atingidos e pressionados pelas reformas estruturais do sistema do ensino superior, pela transformação curricular das disciplinas e dos cursos universitários, como também pelo significativo desenvolvimento do setor museológico, que aumentou a qualificação dos profissionais de museus, as normatizações técnicas e as novas possibilidades lançadas pela museologia social (LOURENÇO; PASCOAL; TEIXEIRA, 2012).

Nesse contexto de incertezas, alguns museus foram aos poucos ficando de fora da nova lógica acadêmica, tendo a sua importância e até mesmo a sua existência questionadas pela comunidade universitária. O relato anônimo de um reitor, colhido por Lourenço (2005) em sua pesquisa de doutorado, que investigou os museus e as coleções universitárias da Europa, elucida bem o pensamento que alguns acadêmicos têm sobre os museus: “Museus são um luxo que a universidade não pode manter” (LOURENÇO, 2005, p. 5).

Para Lourenço, esse dilema resulta, em parte, de uma vasta agenda política imposta às universidades – em que coleções/museus não aparentam estar inseridos – e de uma carência de conhecimento claro sobre o que de fato realmente existe nessas coleções/museus, assim como da falta de apreciação sobre o significado e a potencialidade desses espaços (LOURENÇO, 2005). Lourenço (2006) também chama a atenção para o fato de que a influência do setor museológico nos museus universitários só se torna determinante quando o papel dos museus passa a ser questionado pela própria universidade.

Em contínua transformação, os museus universitários chegaram ao século XXI ainda buscando resolver problemas antigos e tendo que enfrentar inúmeros novos desafios, que ultrapassam o meio acadêmico e perpassam o museológico e o social. Temas como inclusão de minorias e justiça social, novas tecnologias, turismo cultural e de massa, arquitetura inclusiva, participação comunitária, democratização das coleções, entre tantos outros, são constantes em tempos em que a sociedade cobra cada vez mais das instituições museológicas e das universidades.

3. ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

A definição de museu universitário não poderia ser mais direta: um museu que está administrativamente sob a responsabilidade de uma universidade. Ele se enquadra na definição de museus do Conselho Internacional de Museus (Icom) (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2007), mas atravessa transversalmente o mundo museológico e ganha especificidades do mundo universitário. Essas particularidades interferem diretamente na missão dos museus e em todas as suas ações. Vale lembrar que o museu universitário é só mais um espaço dentro de uma instituição muito maior, ou seja, é controlado por esta.

Não é fácil esboçar um perfil dos museus universitários, uma vez que são espaços de ampla heterogeneidade e possuem extensa variedade de tipologias, tamanhos, áreas de conhecimento e se encontram espalhados por todos os continentes. No entanto, apesar de sua grande complexidade, parece haver um consenso de que, para além das funções definidas pelo Icom, o museu universitário se constitui em “uma janela, através da qual, a Universidade se abre à comunidade onde se insere” (BRAGANÇA-GIL, 2005, p. 46).

Bragança-Gil reforça essa máxima ao afirmar que o museu universitário deveria ser a “face visível” (2005, p. 49) da universidade para o grande público, projetando-a nas populações que não a frequentam, intervindo na sua qualidade de vida, bem como nos jovens que nela pretendem ingressar. Almeida (2001) aponta algumas funções específicas que os museus universitários deveriam exercer, enfatizando a valorização das coleções para o desenvolvimento de pesquisas, do ensino e da extensão com programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros.

Em outras palavras, os museus universitários deveriam servir tanto à sua comunidade interna, representativa do meio acadêmico, quanto à sua comunidade externa, o grande público. Mas por que são tão poucos os museus que, de fato, se constituem como “janelas” entre a universidade e a sociedade? Como conseguir se integrar quando, além dos desafios mencionados anteriormente, os museus universitários sofrem com:

- a) dificuldades financeiras;
- b) falta de autonomia;
- c) tensões entre professores, funcionários e estudantes nas relações com os departamentos;
- d) tensões com a comunidade universitária interna e com a comunidade local externa;
- e) abandono das coleções;
- f) falta de espaço para armazenamento e exposição;
- g) falta de profissionais especializados em atividades museológicas;
- h) chefia exercida por pessoas sem conhecimento na área de museus;
- i) acúmulo de função por parte dos dirigentes e funcionários.

4. ESTUDO DE CASO: O MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN

Em 2020, o Museu Câmara Cascudo (MCC) de Antropologia e Ciências Naturais da UFRN celebrou os 60 anos da sua fundação, que foram passados enfrentando as inúmeras dificuldades que acometem os museus das universidades públicas no Brasil e buscando, entre altos e baixos, contornar diversas adversidades para cumprir as suas atribuições sociais.

A sexta década de existência (2010-2020) do museu foi marcada por uma grande reforma do seu pavilhão expositivo e pela implementação de ações com o apoio de políticas culturais da UFRN que, embora ainda incipientes, alinham-se às premissas para os museus nesse início de século citadas anteriormente.

Nesses últimos anos, percebeu-se um esforço do MCC em se tornar mais atrativo e participativo para o seu entorno, buscando cada vez mais se envolver com as comunidades intra e extra universitárias, diversificar as suas atividades para ampliar o seu público, entre outras ações detalhadas mais adiante. Além disso, o museu teve pela primeira vez em seu quadro funcional profissionais especializados para atuar nas diversas áreas que permeiam a prática museológica. Essas são iniciativas e conquistas muito significativas, pois trazem a constatação de um novo capítulo da sua história.

Contudo, apesar do recorte temporal abordado neste trabalho apresentar uma tendência auspiciosa, a situação ainda está longe de ser satisfatória. Os problemas e as tensões da condição universitária pública persistem e se impõem, sobretudo, a carência de recursos. E embora seja um momento de renovação para o MCC, ressaltamos que também representa um desafio para a trajetória do museu e uma situação inusitada: o MCC se encontra aberto ao público, mas sem uma exposição de longa duração.

4.1 Breve história do MCC e a ausência de políticas culturais da UFRN (1970-1980)

O MCC tem a sua gênese no primeiro centro de pesquisa da UFRN, o Instituto de Antropologia (IA), criado em 1960 e descontinuado na década de 1970, quando a reforma do ensino universitário nacional decretou o fim das faculdades e institutos, concentrando-os em departamentos nos centros acadêmicos. Para salvar a estrutura e as coleções que o IA havia construído e manter em continuidade o trabalho da instituição, o então

diretor José Nunes Cabral de Carvalho conseguiu, junto ao reitor, mudar o nome Instituto de Antropologia para Museu Câmara Cascudo. Carvalho assumiu a direção do museu aferindo grande importância à mudança de nomenclatura, pois acreditava que a alteração colocaria a instituição no mesmo nível dos principais museus brasileiros ligados à pesquisa científica naquela época: o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, e o Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

A resolução da criação do MCC é bastante sucinta: o museu foi criado com a finalidade de manter o acervo do IA e levou em consideração a necessidade de preservar os resultados das pesquisas científicas da instituição, a importância da contribuição cultural de Luís da Câmara Cascudo e o interesse em estruturar atividades de proteção, uso e disseminação do acervo cultural e científico da UFRN, sob a guarda do IA.

Uma análise mais cuidadosa nos mostra, contudo, que não ocorreu apenas uma mudança de nomenclatura. De fato, a estrutura física e material do que um dia foi o instituto permaneceu a mesma, porém as relações administrativas da instituição com a universidade foram modificadas.

Tornada em museu, a instituição passou a ser um órgão suplementar vinculado diretamente à reitoria, mudança justificada pela grande diversidade temática das suas áreas de investigação científica – Antropologia, Arqueologia, Paleontologia, Genética e Botânica. Tal mudança fez o museu perder a sua participação junto ao Conselho Universitário (Consuni) da UFRN, pois órgãos suplementares teriam representação apenas no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe).

O MCC se mostrou bastante insatisfeito com a nova condição, pois se enxergava como uma unidade científica e cultural de alto nível e não queria ser associado a órgãos de serviços. É pertinente ressaltar que o MCC nasceu com a finalidade de manter as produções materiais de uma instituição que fora descontinuada e que, apesar de no passado ter tido maior autonomia, também sofreu com as interferências e as pressões legais do ambiente universitário.

A mudança de instituto para museu, naquela conjuntura de transformações políticas do ensino universitário, significou a impossibilidade do MCC, como museu e órgão suplementar, de lotar professores em seu quadro de funcionários, o que desencadeou uma série de constrangimentos

e foi por muito tempo apontado como a principal razão dos problemas enfrentados pelo museu nos anos subsequentes.

Apesar dos estatutos universitários contemplarem a lotação de professores somente nos departamentos acadêmicos, o MCC herdou do IA um quadro funcional de 14 professores. Sendo assim, contradizendo o regimento universitário, mas com anuência da UFRN, que emitia as portarias de lotação de professores e o cadastro das disciplinas, o MCC continuou a oferecer e ministrar disciplinas para os cursos de graduação em Ciências Biológicas, Geologia, Educação Física e Ecologia.

Contudo, com o passar dos anos o quadro de docentes e servidores técnicos do MCC encolheu em virtude de relotações, redistribuições, aposentadorias, falecimentos e, sobretudo, porque o Museu não tinha direito de participação na distribuição oficial de vagas da universidade, o que o prejudicou consideravelmente no cumprimento de suas funções.

Sem autonomia para contratar novos profissionais, as atividades de investigação e consulta das coleções do museu diminuíram consideravelmente, tornando-se quase inexpressivas. Com uma produção científica acanhada, o espaço expositivo estagnou: a exposição permaneceu a mesma durante anos, sofrendo apenas pequenas alterações pontuais. Com o passar dos anos, o MCC se transformou em um reflexo da dura realidade dos museus universitários, sofrendo, sobretudo durante as décadas de 1980 e 1990, enormes dificuldades financeiras, carência de profissionais qualificados, coleções abandonadas e quase total desamparo da sua administração central, que desconhecia o papel do museu dentro da estrutura universitária (SILVA, 2014).

4.2 Constrangimentos e anos de crise: as décadas de 1980 e 1990

Para se adequar às novas demandas do sistema universitário, o MCC buscou reformular o seu regimento interno em 1974, com novas alterações em 1979 e 1981. Ele foi definido como um órgão suplementar voltado à pesquisa, ao ensino e à extensão e organizado em sete departamentos, 23 setores e quatro núcleos, estes responsáveis pelas atividades técnicas e científicas. Aos departamentos e setores foram atribuídas as funções de pesquisa científica pura e aplicada, bem como a função de ensino a nível de pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão universitária.

Não foi surpresa que o museu, com grandiosa organização e atribuições, tivesse começado a “tropeçar em suas próprias pernas”, usando uma expressão popular. A carência de pessoal e de recursos financeiros criou um transtorno dentro da instituição, levando à desativação de alguns dos seus setores com o passar dos anos. Discussões sobre a situação jurídica do MCC eram constantes nas reuniões de equipe, em que parte achava que o único caminho era transformar a instituição em centro ou departamento acadêmico para que, assim, ele pudesse recompor o seu quadro funcional e ampliar a sua dotação orçamentária. No entanto, a ideia foi rejeitada pela maioria, que justificou que tal transformação implicaria a extinção do museu. Sem solução à vista, o que restava ao MCC, nas palavras do seu então vice-diretor, o prof. Dário Dantas, era “ficar como está” e “apelar para o poder da criatividade” (MUSEU CÂMARA CASCUDO, Ata da Reunião realizada no dia 25 de novembro de 1985. Livro de Atas 01, p.66-67).

É a partir de 1984 que a palavra crise começa a imperar nas reuniões do MCC, que transpareciam especial preocupação com a precariedade do pavilhão expositivo. A instituição também se queixava de problemas sérios de falta de limpeza do prédio, que causava má impressão aos visitantes, bem como da ausência de auxiliares de laboratório, o que prejudicava a investigação e a manutenção das coleções, da falta de um museólogo e da urgência em estabelecer uma maior comunicação com a reitoria. Tais problemas, segundo o Museu, dificultavam a UFRN perceber a importância do MCC.

Por ser o maior e principal museu do Rio Grande do Norte (RN), as adversidades do MCC estampavam constantemente as folhas dos jornais locais. As reportagens denunciavam o abandono físico do prédio, das exposições e das coleções, o baixo número de visitantes, a falta de recursos financeiros para atividades simples, como limpeza ou fotocópia, e a omissão da administração central e a sua total desarticulação com o MCC (PESSOA, 2009).

Buscando remediar tal quadro, a equipe do museu pensou em elaborar um “grande projeto de reestruturação” (MUSEU CÂMARA CASCUDO, Ata da Reunião realizada no dia 01 de outubro de 1984. Livro de Atas 01, p.58-59), do seu pavilhão expositivo, que se daria por meio de projetos de exposições temporárias das coleções do MCC, cursos e eventos de extensão, além de propostas de investigação científica. O objetivo era reafirmar o MCC como um

instrumento educativo de grande importância para a UFRN e ampliar o interesse dos visitantes pelo museu com novas ações. O projeto foi encaminhado aos órgãos superiores para aprovação ainda em 1985, mas nunca saiu do papel.

Enquanto isso, novas mudanças no estatuto universitário, em 1987, trouxeram mais interferências negativas para o museu, uma vez que retiraram da instituição a sua representatividade junto ao Consepe, afastando o MCC cada vez mais da administração central e criando uma barreira muito maior para a comunicação das suas demandas.

Ainda em 1987, uma nova direção assumiu o MCC com a máxima “muda museu”, cujo objetivo principal era definir a situação dos professores. O ímpeto da gestão dos professores Jerônimo Rafael e Claude Aguilar de resolver a situação administrativa do museu impeliu a UFRN a perceber os pontos de estrangulamento que a sua estrutura estava causando em algumas de suas unidades. Assim, a universidade criou, em 1989, uma comissão para estudar a possibilidade de reestruturar a sua organização e tornar melhor o seu sistema universitário. A comissão perdurou por sete anos, mas não levou ao museu a solução que ele almejava.

Isolado não só fisicamente, já que permaneceu instalado na antiga sede do IA, localizada cerca de 7 km de distância do campus universitário, como também administrativamente da UFRN, o MCC, à espera de uma resposta da universidade, concentrou-se mais uma vez em repensar o seu regimento interno para adaptá-lo ao estatuto universitário.

O cenário político nacional ao longo da década de 1990 é lembrado como um período catastrófico para a cultura e a educação, visto que as universidades públicas sofreram vigorosamente com o pouco investimento federal. Além disso, todas as universidades e instituições de ensino superior brasileiras foram afetadas, de forma mais ou menos intensa, pelas frequentes tentativas de implantação de um novo modelo gerencial universitário no país. Esse modelo defendia, sobretudo, a racionalização de recursos e a necessidade de ampliação do sistema ao menor custo possível (MANCEBO; MAUES; CHAVES, 2006).

Para o MCC, a década de 1990 se mostrou mais constrangedora que a anterior, pois aliada à sua própria crise – faltavam recursos até para manter as contas básicas de água, energia e telefone – estava a instabilidade do ambiente universitário e o isolamento administrativo da UFRN.

Enfim, em 1996, a comunidade universitária aprovou em conselho um novo estatuto para a UFRN, que trazia como novidade e avanço – em termos de estrutura organizacional – a possibilidade de criação de Unidades Acadêmicas Especializadas (UAE) e Núcleos Interdisciplinares. Essas alterações faziam parte da proposta de reformulação do Regimento Geral da UFRN.

Respaldo por tais possibilidades, o MCC encaminhou ao Conselho Universitário a proposta de transformar o museu em UAE como forma de solucionar o impedimento da lotação de professores. A ideia teve forte objeção dos diretores dos centros acadêmicos, que temiam o esfacelamento da estrutura central universitária com a volta da universidade formada por institutos, faculdades e escolas. Apesar do ímpeto da direção, a proposta foi negada em 1997. No entanto, ela serviu para que a situação de crise do MCC fosse debatida pela comunidade acadêmica, que determinou a criação de uma comissão que deveria apontar alternativas eficazes para solucionar os obstáculos que o museu enfrentava.

A comissão foi organizada em fevereiro de 1998 para estudar e elaborar uma proposta acadêmica e administrativa para o MCC. Ao fim de dez meses, apresentou dez pontos cruciais para a reestruturação do museu, acentuando o papel crucial dos museus universitários de aproximar a academia da sociedade. Entre os pontos apresentados e implementados, sobressaem-se três que julgamos serem os principais responsáveis pelos avanços que o MCC obteve nas décadas seguintes: a revitalização do seu espaço físico; a contratação de cerca de dez novos profissionais; e o estabelecimento de diretrizes específicas e estruturantes para os museus da UFRN. Contudo, essas propostas levaram mais de dez anos para serem implementadas.

4.3 Primícias de uma política cultural e museológica na UFRN (2000 - 2010)

Uma nova visão político-administrativa foi instituída na UFRN na gestão de Otom Anselmo de Oliveira, entre 1999 e 2003. A essa altura, a universidade havia iniciado um processo de reestruturação institucional atrelado a uma criteriosa renovação do quadro de pessoal e com uma política extensionista focada em aproximá-la cada vez mais da sociedade. Ademais, a UFRN ampliou o diálogo para trabalhar em reciprocidade com os seus espaços museais.

Uma comissão de museus foi criada em 2000 para diagnosticar os espaços museais da UFRN. Dessa comissão nasceu a sugestão de implantar uma política de reestruturação e revitalização dos museus – Museu Câmara Cascudo, Museu de Anatomia Comparada, Museu de Anatomia Humana, Museu do Mar, Museu do Seridó e Museu Virtual de Arte Abraham Palatnik –, como também de criar uma assessoria técnica na área da museologia na UFRN.

A adesão da UFRN ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em 2007, trouxe muitas mudanças para a instituição, tendo em vista as exigências de adequação da sua estrutura frente ao aumento das demandas criadas pelo Reuni. O aumento do número de docentes, discentes e técnico-administrativos e o consequente aumento do número de ações de extensão impeliram a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) a se reformular, culminando com a criação, em 2011, de mais uma coordenação, só que voltada para a articulação das atividades de cultura, memória, museus e documentação, em coerência com o novo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade.

No período de 2007 a 2011, a UFRN definiu, em seu Plano de Gestão, a implementação de ações voltadas ao fortalecimento de seus museus. A necessidade de construir uma política articulada de gestão documental e memória na UFRN levou a PROEX a realizar, em 2009, o seminário *O que lembrar? Para que lembrar? Universidade, memória e sociedade*, que envolveu estudiosos da UFRN e de outras universidades. O evento teve como objetivo refletir sobre as políticas públicas da área de preservação e discutir, a partir das demandas e iniciativas da UFRN, o desenvolvimento de ações institucionais mais articuladas, a fim de sistematizar uma política universitária nesse campo. O principal encaminhamento do seminário foi a constituição de duas comissões referentes aos museus universitários e à gestão documental e de memória.

Convém lembrar que, no plano federal, a década de 2000 apresentou marcos significativos para o desenvolvimento da museologia no Brasil. Em 2003, por exemplo, foi instituída a Política Nacional de Museus, que lançou as bases para a criação do Sistema Brasileiro de Museus, em 2004, e do Estatuto dos Museus e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em 2009.

Ainda em 2007, a Reitoria da UFRN nomeou para a direção do MCC, pela primeira vez, uma professora que não fazia parte do quadro lotado de professores do museu. A gestão de Sônia Othon, professora do Departamento de Artes que presidiu a comissão de 1998, ficou marcada por firmar um maior diálogo com a reitoria e os demais órgãos gestores da UFRN, bem como pelo esforço de dar mais visibilidade às ações do museu, intensificando contatos e articulações com a comunidade interna e externa à universidade, contando, para isso, com a ajuda institucional da Agência de Comunicação da UFRN. Sua gestão também buscou enfatizar reiteradamente em *releases*, entrevistas e reportagens a ligação institucional do MCC com a UFRN, reforçando diante de todos a ideia do museu como instituição pertencente a essa instituição maior.

4.4 Diretrizes e fomento da UFRN para os seus museus (2010 - 2020)
Em continuidade às ações iniciadas no plano de gestão anterior, a UFRN buscou, no período de 2010 a 2020, consolidar, ampliar e modernizar não só a sua estrutura física, como também os processos de gestão universitária, integrando políticas e ações às suas estruturas organizativas. Para tanto, na área de museus, a universidade teve como linha de ação, dentro de um dos seus programas estruturantes, o desenvolvimento de uma política cultural, articulada com os órgãos de fomento à cultura, e museológica.

Desse modo, a UFRN criou, em 2011, dentro da PROEX, a Coordenadoria de Cultura, Memória, Documentação e Museu, com o objetivo de articular propostas mais consistentes na área museológica. Essa articulação culminou na formulação da Rede Universitária de Museus (Rumus), instituída em 2014, da Política Cultural, criada em 2016, e da Política de Memória da UFRN, instituída em 2017.

Ressalta-se, ainda, uma evolução do viés expansionista da UFRN por meio de uma série de ações no sentido de fortalecer a cultura e estimular e aumentar o número de atividades acadêmicas voltadas à valorização da história e da cultura local e regional. Para tanto, a PROEX criou editais internos de apoio às propostas específicas da área de “museologia e memória” e “arte e cultura”, com oferta de bolsas e recursos financeiros. Por exemplo, em termos de valores, em 2020 foram concedidos R\$1.056.000,00

em apoio financeiro e R\$260.000,00 em quota de bolsa de extensão, com limite de R\$5.000,00 e de uma bolsa para cada proposta.

Ainda no âmbito legal, a UFRN aprovou, em 2016, o novo Regimento Interno do MCC, com uma estrutura organizacional mais enxuta e apta a responder às premissas da museologia moderna. Já em 2020, o MCC instituiu a sua Política de Acervos e Coleções, estabelecendo, pela primeira vez, diretrizes basilares para tomadas de decisão referentes à salvaguarda de seu acervo.

De forma sucinta, buscamos apresentar como o amparo institucional da UFRN, por meio da inclusão de políticas específicas voltadas aos seus museus dentro da sua política de desenvolvimento, fomentou, ainda que lentamente, o amadurecimento institucional do MCC. É perceptível, ainda, como as novas possibilidades do campo museal, como a museologia social e o questionamento do papel social do patrimônio no mundo contemporâneo, coincidem com uma nova visão de universidade pública na UFRN, em que a valorização da arte e da cultura, em paralelo à ciência, à tecnologia e à inovação, são patentes.

Imerso nesses avanços, o MCC vem implementando, principalmente ao longo da última década e de forma mais ostensiva, ações positivas que inauguraram uma nova fase em sua história, dentre elas a ampliação do seu quadro funcional, com a contratação de museólogos, uma restauradora, uma bibliotecária, uma pedagoga, um arqueólogo, um historiador, um biólogo, um produtor cultural e um jornalista, responsáveis pela maior dinamização das ações do museu e por tornar a sua atuação mais alinhada às demandas impostas aos museus do século XXI, as quais trataremos no próximo subtópico.

4.5 Novos ares para o pavilhão expositivo do MCC

As primeiras discussões sobre a reforma arquitetônica e a revitalização das exposições no MCC datam da década de 1980, sendo desde então uma constante dentro da instituição, que tem no seu pavilhão expositivo o principal espaço de comunicação com o público. Apesar das frequentes propostas de revitalização, a reforma do espaço só teve início em 2011, sendo concluída em 2014.

Dentro do programa governamental para as universidades de 2007, as prioridades de expansão da UFRN para aquele ano convergiram para o programa “Universidade do Século XXI”, trazendo como linha de ação a modernização e a recuperação da infraestrutura física das universidades. Nesta ação, foram alocados recursos destinados às construções, recuperações e adaptações de prédios. O recurso orçamentário de R\$2.774.953,11 veio de emenda parlamentar com a finalidade de ser aplicado em diversas obras, entre elas a recuperação do MCC, orçada em R\$400.000,00.

Contudo, a Superintendência de Infraestrutura da UFRN, setor competente pelas obras, enfrentava uma drástica redução do seu quadro técnico, em contraposição a uma grande expansão de projetos de edificação da universidade, estimulados pelos recursos financeiros disponibilizados pelo Reuni. Desse modo, a reforma do prédio do MCC atrasou bastante, sendo iniciada apenas em janeiro de 2011.

FIGURA 1

Fachada do MCC antes (a) e depois (b) da reforma arquitetônica. Fonte: MCC.



Com o prédio expositivo renovado, o MCC teve que enfrentar uma dificuldade imediata: não havia recursos para uma nova exposição de longa duração. Embora a reforma tenha sido finalizada em 2014, o pavilhão expositivo foi reaberto parcialmente em 2012 – apenas duas salas de exposições temporárias. Tal decisão foi uma estratégia da direção do MCC para pressionar a UFRN a dar celeridade ao processo de conclusão da reforma e ao projeto de exposição. Porém, o Museu recebeu inúmeras reclamações do público – estudantes e professores da rede básica de ensino do RN, a UFRN, a população local e turistas –, que expressava em conversas com os monitores do pavilhão expositivo e por meio da página de avaliação

de serviços, disponível pelo Google na *internet*, a decepção de visitar um museu “incompleto”, uma vez que grande parte do pavilhão de exposições estava sem acervo exposto e/ou interdita para visitas.

A partir de então, o MCC se esforçou para manter o seu pavilhão expositivo aberto e atrativo, mesmo sem uma exposição de longa duração. Dessa forma, o Museu investiu em exposições de curta duração, incluindo mostras com acervo próprio e em parceria com outras unidades da UFRN. Os recursos vieram dos editais internos de apoio à extensão, lançados anualmente pela PROEX. A participação nos editais da PROEX rendeu ao museu capital para executar pequenas exposições e eventos, bem como visibilidade e reconhecimento no meio acadêmico. Na década de 2010, o museu desenvolveu 160 ações de extensão, em que 30 foram exposições de curta e média duração¹.

O museu também recebeu mostras itinerantes, um resultado das parcerias com o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que levou ao MCC, em 2013, a exposição itinerante *Tesouros do Museu Nacional* e, em 2014, a exposição *Índios: os primeiros brasileiros*. Essa última visou, também, atrair parte do grande fluxo de visitantes que a cidade de Natal (RN) estava a receber em decorrência dos jogos da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa), sediada no Brasil naquele ano.

Entretanto, embora o museu oferecesse ao público mostras com acervo próprio, a representatividade das suas coleções ainda era muito acanhada. Por questões logísticas, parte da estrutura e do acervo das antigas mostras *Anatomia Comparada* e *Ciclo da Cana-de-Açúcar* – como os esqueletos de grandes animais e a réplica de uma moenda de cana-de-açúcar, respectivamente – foram mantidos no pavilhão expositivo durante e após a reforma. Diante da pressão do público por um circuito expositivo mais robusto, essas mostras se tornaram uma saída conveniente, pois além de já estarem parcialmente montadas, possuíam grande apelo visual. A urgência em reabrir essas mostras, diante das demandas do público, frustrou os planos do museu de rerepresentar esses acervos dentro do contexto de uma nova exposição de longa duração, em uma grande e impactante inauguração. Com o financiamento de editais internos,

1. As ações foram cadastradas a partir de 2008, não sendo possível comparação com a década anterior. Mais informações estão disponíveis no site <https://sigaa.ufrn.br/>.

lançados em 2015, as duas mostras foram revitalizadas e reabertas em 2016 como duas exposições isoladas e provisórias.

Porém, esse momento é bastante emblemático pois, depois de décadas de existência e quatro anos desde a reabertura do pavilhão expositivo, pela primeira vez o MCC apresentou tais exposições repaginadas, com elementos modernos de expografia. A partir disso, a instituição passou a investir em um padrão expográfico semelhante e alinhado aos critérios atuais de montagem de exposições museológicas, valendo-se do conhecimento técnico dos seus museólogos, bolsistas de arquitetura e design e de profissionais de outras unidades acadêmicas e instituições parceiras.

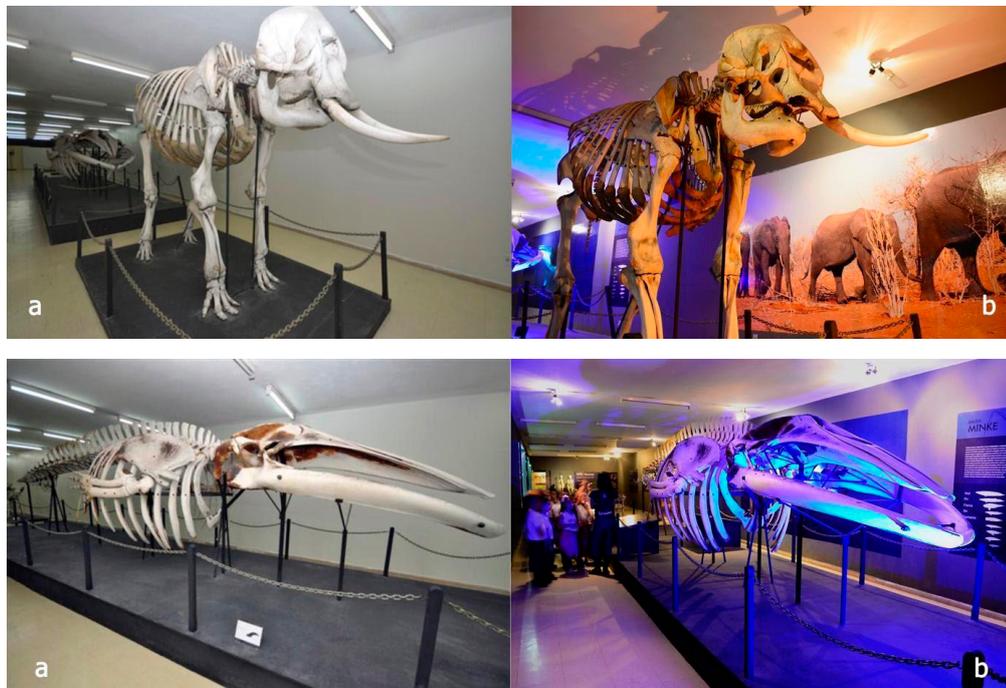
FIGURA 2

Exposição do MCC *Engenhos – Tradição do Açúcar*, antes (a) e após (b) a revitalização. Fotografias: MCC e Cícero de Oliveira, 2019.



FIGURAS 3 E 4

Exposição do MCC *Anatomia Comparada*, antes (a) e após (b) a revitalização. Fotografias: *Tribuna do Norte Online*, 2015, e Cícero de Oliveira, 2019.



Como resultado sensível, tem-se o aspecto mais moderno e arrojado das atuais exposições do MCC, principalmente se comparadas à sua antiga exposição de longa duração, que ficou praticamente inalterada de 1970 até 2011, quando foi desmontada para a reforma do prédio do pavilhão expositivo. Ainda assim, a realidade do pavilhão expositivo do MCC é precária, tendo em vista que a instituição dispõe de um orçamento anual limitante – em torno de R\$250.000,00 – que mal cobre as despesas básicas e que o financiamento dos editais internos é insuficiente para uma execução plena dos projetos. Além disso, embora a UFRN venha implementando a sua política museológica, o Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (Sipac) da UFRN, que segue a legislação do serviço público, não prevê alguns produtos e serviços específicos para a montagem de exposições.

Diante destes fatores limitantes, a equipe do MCC vem se esforçando para ampliar as suas parcerias com a UFRN e outras instituições, a fim de tornar as suas exposições mais atrativas.

4.6 Inovação tecnológica

Em um contexto em que se pretende tornar as exposições mais atrativas e interativas, o ambiente inovador, multidisciplinar e criativo da universidade pode ser muito salutar a uma instituição museológica, mas apenas quando o potencial do universo acadêmico é explorado por meio de boas relações e parcerias intrauniversitárias.

Valendo-se dessa situação favorável, mais recentemente o MCC inaugurou uma nova era em suas exposições. O museu passou a implementar em suas mostras elementos tecnológicos modernos, como monitores *display* de cristal líquido (LCD) para conteúdos audiovisuais e código QR (*QR code*) para o público acessar conteúdos extras, e dispositivos de realidade aumentada e projeções interativas, como sensores de movimento associados à projeção de animações.

Essas ações só foram possíveis em virtude de parcerias com o Instituto Metrópole Digital (IMD) e a Escola de Ciência e Tecnologia (ECT), unidades acadêmicas especializadas em inovação, tecnologia e ferramentas digitais da UFRN. Ainda que sejam passos importantes que se propõem a complementar as exposições, dar apoio às ações educativas e visibilidade à instituição e reforçar laços com a comunidade universitária, são ações pontuais de caráter experimental, limitadas à condição da universidade pública e, por isso, isoladas.

FIGURA 5
 Uso de QR code por visitantes na exposição do MCC *lcnologia – A vida passou por aqui*.
 Fotografia: Fábio Lima, 2018.



FIGURA 6
 Jogo digital na exposição do MCC *Aves e evolução – uma perspectiva histórica*.
 Fotografia: Rummenigge Rudson Dantas, 2017.

FIGURA 7
 Painel informativo utilizado na exposição do MCC *lcnologia – A vida passou por aqui*, em que são indicados os QR codes relativos ao acervo em exposição.
 Fotografia: Fábio Lima, 2018.



FIGURA 8
 Exemplos de websites acessados por QR code em smartphones com conteúdo extra da exposição do MCC *lcnologia – A vida passou por aqui*.
 Fonte: Silva (2020).



Além de terem incrementado as exposições, as novas tecnologias levaram melhorias significativas aos processos técnicos do museu. A informatização dos sistemas promoveu importantes avanços na gestão administrativa. A digitalização do almoxarifado do MCC, inserido no Sipac em 2009, substituiu o procedimento manual de controle da entrada e saída de material. Para gerir as suas coleções, o MCC passou a fazer uso do Sistema Acervus, um sistema de gerenciamento dos acervos artísticos, históricos e museológicos das unidades da UFRN desenvolvido pela Superintendência de Informática (Sinfo) da UFRN, em 2016. Para a análise de público, o MCC passou a contar, em 2017, com o Sistema Publicus de contagem de público. Baseado em *software* inteligente, tal sistema registra as visitas do museu e gera relatórios por dia e mês (ASCOM, 2020). A tecnologia foi implementada em parceria com o IMD, que recentemente adquiriu o certificado de registro do *software*. O sistema permite e facilita planejar a programação do museu com base nos perfis de visitação, assim como analisa o êxito das ações.

4.7 Engajando o público: diversidade da programação cultural

Quando pensamos na relação entre museu e universidade pública, é incapável chegar à ideia do museu como uma ponte entre a comunidade e a academia. Nesse contexto, a extensão tem papel prioritário. Porém, a despeito de tal relevância e do MCC desenvolver um importante papel extensionista, desejamos, neste tópico, nos ater a outro ponto relativo à relação do museu com a população, que vem se destacando no âmbito da produção cultural. Junto à implementação de medidas para tornar as suas exposições mais atrativas, o MCC tem buscado se tornar mais relevante no cenário cultural da cidade e ampliar o seu público para além do escolar, aumentando, assim, o alcance das suas ações. Assim, o pavilhão expositivo passou a funcionar aos sábados, domingos e feriados e, em algumas ocasiões pontuais, em período noturno. Em paralelo, o MCC vem intensificando a diversificação da sua programação.

Nesse contexto, ressaltamos um projeto piloto realizado pelo MCC em 2015. No fim de semana da Primavera de Museus, evento promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), além de funcionar em período noturno, o MCC transformou parte da sua área externa em praça de

alimentação, sediando um encontro de *food trucks*², que foi acompanhado de apresentações musicais ao vivo.

Diversos desafios se apresentaram à equipe do MCC na execução de tal proposta, pois, afinal, um evento dessa magnitude e natureza, nunca antes realizado pelo Museu, requereu grande mobilização da equipe e recursos financeiros. Assim, para realizá-lo, o museu se articulou com a associação local de *food trucks*, de forma que ela assumisse os gastos financeiros em troca do espaço físico cedido pelo MCC. Assim, com colaboração e parceria, o MCC ofereceu ao público uma opção cultural e de lazer inovadora, sem necessidade de grande investimento financeiro. Naquela época, o MCC registrava um número muito baixo de público aos sábados – algo em torno de apenas vinte visitantes. No entanto, no sábado do evento, o museu registrou cerca de 1.000 visitantes, somando o período vespertino e noturno³.

FIGURA 9 E 10

Encontro de *food trucks* na área externa do MCC na 9ª Primavera dos Museus 2015. Fonte: MCC (2015).



Desde então, o MCC vem investindo cada vez mais em se promover como uma opção de cultura e lazer. Nesse contexto, é pertinente ressaltar a relevância do Parque Educacional Prof. Raimundo Teixeira da Rocha, o Parque do Museu, uma área arborizada com quase 7.000 m² que pertence à

2. Veículos que transportam e vendem comida.
3. Segundo relato do museólogo do MCC, Gildo Santos.

estrutura física do MCC. O parque passa desde 2009 por diversas melhorias, que configuram um processo de revitalização que acompanha os avanços da instituição na década de 2010. Além de desempenhar um importante papel extensionista, sobretudo na área de educação ambiental, o parque é cenário das diversas ações que contribuem com a diversificação da programação cultural do MCC.

FIGURA 11

Parque Educacional
Prof. Raimundo
Teixeira da Rocha do
MCC. Fonte: MCC
(2019).



Apesar dos resultados positivos associados à diversificação da programação, eles eram pontuais, ou seja, o público não se mantinha constante. Alguns eventos tiveram mais sucesso em relação ao número de público do que as suas edições posteriores. Percebendo a necessidade, assim, de um profissional da área de produção cultural para o melhor planejamento e, conseqüentemente, sucesso desses eventos, o atual diretor do MCC, prof. Everardo Ramos, passou a pleitear junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas uma vaga de produtor cultural para o museu. A vaga foi concedida em 2020 graças à maior articulação entre a administração central e o MCC, resultado direto das políticas museológicas da UFRN.

Ainda no contexto da produção cultural, ressaltamos também a forma oportuna como o MCC vem explorando agendas de eventos, como as do Ibram, do Icom e da própria UFRN, com ações, por exemplo, na Semana de Museus e na Primavera dos Museus, ambas promovidas pelo Ibram, na Semana do Meio Ambiente, protagonizada pelo Setor de Estudos Ambientais

do MCC, e na Semana de Ciências, Tecnologia e Cultura (Cientec), da UFRN. Dessa forma, o museu promove espaços de diálogo e ações voltadas a públicos mais amplos, contemplando tanto atividades de caráter acadêmico quanto de lazer. Essas comemorações específicas ajudam a movimentar a programação anual do MCC, o que vem lhe garantindo uma figuração positiva, constante e crescente na mídia local nos últimos anos.

Como exemplo da força dessas atividades extras, o Museu estima que, em 2014, 10 mil pessoas visitaram seu estande na Cientec. Desse total, há registro, em livro de assinaturas, de mais de 5 mil visitantes contabilizados durante os três dias em que o museu participou do evento. Houve, assim, um aumento significativo no número de visitantes no MCC. Em 2019, foi registrada a entrada de 24.050 visitantes, o que representa um aumento de 16% em relação a 2018 (20.594 visitantes), de 53% em relação a 2017 (15.707 visitantes) e de 172% em relação a 2016 (8.829 visitantes). Esse aumento progressivo e exponencial do público confirma a atratividade crescente do MCC, que tem investido bastante em exposições temporárias diversas e eventos culturais que possibilitam ao público entrar em contato com pesquisas, acervos e temáticas diversas. Sendo assim, o MCC se fortalece cada vez mais no cenário científico e cultural do RN (UFRN, 2019).

FIGURA 12
Exposição do MCC
As faces do Museu
Câmara Cascudo na
Cientec 2015. Fonte:
MCC (2015).



4.8 Engajando o público: o ambiente virtual e as redes sociais

A *internet* e as redes sociais adicionaram uma nova dimensão à necessidade de comunicação das instituições com o público que também se aplica aos museus. Mostrou-se essencial os museus aderirem a essas ferramentas no processo de engajamento do público. Logo, como resultado desse cenário, a atuação do MCC no campo das relações virtuais floresceu nos últimos anos e, assim, tais relações se incorporam à tendência de transformações que levam o museu a se adaptar à contemporaneidade.

Em 2009, buscando melhorar a visibilidade do MCC em uma época em que as redes sociais estavam em seus primórdios, foi criada uma página virtual simples, de caráter noticioso, que visava ser um canal de comunicação do museu na *internet*. Desde então, a atuação do MCC na rede só aumentou e, atualmente, em 2021, além de um novo *website*⁴, reformulado em 2020, nas versões *desktop*, *tablet* e *mobile*, o museu se faz presente nas redes sociais mais populares, que se mostram como importantes meios de comunicação com o público.

A oferta de bolsas para estudantes da área de Comunicação e Produção Cultural foi importante para movimentar as redes sociais do MCC. Contudo, com a contratação recente de um produtor cultural e um jornalista, o MCC dá um passo importante na consolidação de uma atuação mais ostensiva, planejada e estável nesse âmbito.

Dentre algumas das diversas ações do MCC no ambiente virtual que movimentaram as redes sociais e contribuíram para o engajamento do público, apontamos a realização, em 2015, de uma eleição para mascote, intitulada Mega Eleição. Para ela, foram criados quatro personagens que representavam a megafauna⁵ potiguar, fazendo referência ao seu acervo paleontológico. A votação foi realizada de duas formas: presencialmente, com urna de votação no pavilhão expositivo e no stand do MCC da Cientec, e virtualmente, por meio do *website* do museu.

A partir de 2016, o MCC passou a participar do Museum Week, evento global que reúne museus e outras instituições culturais em torno de publicações temáticas nas redes sociais. Todo ano, ao longo de uma semana, o evento promove uma causa internacional visando aumentar o engajamento do público com as instituições participantes.

4. Disponível em: www.mcc.ufrn.br.

5. Fauna de grandes mamíferos extintos por volta do fim do Pleistoceno.

FIGURA 13

Publicação em rede social do MCC no Museum Week 2016. Fonte: MCC (2016).



FIGURA 14

Publicação em rede social do MCC divulgando a Mega Eleição. Fonte: MCC (2016).



No momento em que este artigo é produzido, a crise sanitária deflagrada pela pandemia do novo coronavírus impõe a adaptação de muitas atividades coletivas, fazendo imperativo a necessidade de distanciamento social e gerando uma demanda por atividades não presenciais. Nesse contexto, os museus precisaram se reinventar para continuar desempenhando a sua função de comunicar e socializar o patrimônio, algo que foi feito por meio de atividades remotas, uma vez que o ambiente virtual se mostrou um importante aliado. Diante da impossibilidade de realizar eventos presenciais, as atividades do MCC para o público migraram para o formato digital com a institucionalização do projeto MCC Virtual, em que o público tem acesso e participa das ações do museu por meio das plataformas virtuais, com destaque para o novo *website* e os canais do museu no YouTube⁶, Facebook⁷ e Instagram⁸.

6. Disponível em: www.youtube.com/mccufrn.

7. Disponível em: www.facebook.com/mccufrn.

8. Disponível em: www.instagram.com/mccufrn.

De julho de 2020 a fevereiro de 2021, o MCC Virtual promoveu 12 eventos com transmissões ao vivo nas plataformas virtuais. Foram três visitas virtuais às exposições e aos acervos, seis seminários virtuais, a 14ª Primavera dos Museus, que contou com seis ações, e o Darwin Weekend, evento em alusão ao Darwin Day⁹, com sete ações ao todo. Também foi realizada uma campanha de financiamento coletivo do projeto “José Costa Leite para sempre”, cujo objetivo é proteger e divulgar as matrizes de xilogravura de José Costa Leite, o mais antigo poeta e xilógrafo de cordel vivo, e incorporá-las ao acervo do MCC. A campanha, realizada via *internet*, arrecadou R\$131.237,00.

Ainda que em um cenário de distanciamento social, causado pela crise da Covid-19, tais atividades mostram o potencial dos museus de ampliarem a sua atuação atingindo novos públicos, inclusive aqueles que, por motivos variados, não têm acesso aos seus espaços físicos.

Depois da constatação do potencial dos museus em promover discussões, trocas de conhecimento e experiências de forma muito mais rica, democrática e inclusiva, reunindo pessoas de todas as regiões do país e, potencialmente, do mundo, voltar o foco unicamente para as atividades presenciais em uma realidade pós-pandêmica é retroceder. Estando os museus comprometidos com a inclusão e a democratização do patrimônio e do conhecimento, mostra-se importante que eles, mesmo quando os eventos presenciais voltarem a acontecer, sejam disponibilizados de forma remota. Nesse contexto, o novo normal deve ser considerado um caminho sem volta.

Não obstante essa perspectiva animadora, é importante salientar que grande parte da população brasileira está à margem das facilidades do mundo tecnológico, não tendo acesso nem mesmo às questões básicas de sobrevivência. A implementação das atividades remotas é um passo importante para a democratização dos museus, mas pequeno diante dos desafios de uma inclusão verdadeiramente plena. O brilho das novas tecnologias não pode ofuscar a percepção dessa realidade.

4.9 Educativo e acessibilidade

A reforma física do prédio do pavilhão expositivo do MCC contemplou elementos que visaram a acessibilidade física, como uma plataforma elevatória,

9. Evento anual que celebra o aniversário do naturalista inglês Charles Darwin.

pisos táteis e banheiros adaptados para cadeirantes. No entanto, a acessibilidade vai muito além da questão infraestrutural. Atualmente, o Setor de Ação Educativa e Cultural do MCC desenvolve o seu Programa de Ação Educativa e Cultural como parte da atualização do Plano Museológico da instituição. O programa não só propõe a complementação da acessibilidade física, mas também contempla a acessibilidade sensorial para deficientes visuais e auditivos, a acessibilidade cognitiva, voltada às pessoas com dificuldade de aprendizado, e a acessibilidade atitudinal, voltada ao aperfeiçoamento dos funcionários do museu, para que recepcionem e ofereçam bom atendimento às pessoas com deficiência. A elaboração de ações voltadas para a acessibilidade também foi desenvolvida em parceria com outras unidades acadêmicas da UFRN, como o projeto Artefatos gráficos inclusivos, desenvolvido pela professora Elizabeth Romani e pelos estudantes do curso de Design, que visa a produção de artefatos táteis e processos inclusivos como formas de apoio às atividades de comunicação museal.

O Setor de Ação Educativa e Cultural prevê, ainda, no seu programa de metas, o desenvolvimento de um material para professores, a fim de atender a rede básica de ensino, com sugestão de planos de aula, cartilhas educativas sobre o acervo do MCC etc. Destacamos, também, a articulação de tal setor com os demais setores do museu, que fomenta projetos de extensão com viés educativo.

FIGURA 15

Deficiente visual utilizando artefatos táteis como ferramenta de apoio à exposição *Aves e evolução – uma perspectiva histórica* do MCC. Fotografia: Antônio Allyerly Sousa, 2019.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um longo período se passou entre as primeiras discussões sobre a necessidade de mudanças no MCC na década de 1980 e as primeiras mudanças efetivas nesse sentido, sendo a mais emblemática a reforma física do prédio de exposições. Ainda assim, após a reforma e passados mais de oito anos desde a reabertura do pavilhão expositivo, o MCC ainda busca se articular com departamentos, professores e pesquisadores da UFRN para a conclusão do projeto conceitual da sua exposição de longa duração, que não tem perspectiva, inclusive orçamentária, para a sua efetivação. Esse cenário evidencia a morosidade resultante das dificuldades enfrentadas pelos museus em ambientes universitários.

Embora a estratégia de reabrir o museu parcialmente após a reforma não tenha logrado o êxito pretendido – dar celeridade ao desenvolvimento do projeto e à operacionalização da nova exposição de longa duração –, ela se mostrou ter sido uma decisão acertada, pois catalisou uma série de medidas que dinamizaram as ações do museu perante à comunidade. Tais ações foram acompanhadas de significativas melhorias em outros setores técnicos que, em grande medida, foram possíveis graças aos avanços na política museológica e extensionista da UFRN.

Entre as melhorias, destacam-se as contratações, nos últimos dez anos, de cerca de dez novos funcionários aptos a atuar nos processos museais e o repasse de aproximadamente 20 bolsas para estudantes da graduação, que atuam nos mais diversos setores do museu. Essas conquistas foram fundamentais para conduzir o MCC para dentro de uma postura profissional na área museológica, adequando-o às exigências do século XXI.

Embora os resultados positivos apresentados neste trabalho representem uma melhora significativa para a instituição, não podemos deixar de lembrar que muitas das ações do MCC ainda são ações isoladas e, por isso, frágeis e diretamente dependentes da vontade de seus coordenadores e curadores. Recentemente, o MCC aprovou um novo regimento, uma política de acervos e coleções e está atualizando o seu Plano Museológico, mas ainda não conseguiu implementar programas integrados de gestão que garantam a continuidade das suas ações, independente da mudança ou não de gestores.

Nesse sentido, a instituição está longe de ser considerada exemplo, mas vem, aos poucos, tentando se atualizar nos processos atuais da museologia, ao mesmo tempo em que dinamiza suas ações para servir ao seu público.

Por fim, salientamos que, devido à delimitação de espaço e à escolha do recorte conceitual deste trabalho, dedicado, sobretudo, à análise das melhorias do MCC no contexto da sua imagem institucional e da sua relação com o público, não tratamos de um ponto fundamental para os museus universitários: a pesquisa científica. Devido às diversas mudanças administrativas que interferiram na relação do MCC com a universidade, a pesquisa científica no museu foi seriamente prejudicada. O MCC, instituição que nasceu como um produtivo – e efêmero – espaço de pesquisa científica, luta para não ser somente um espaço de memória dessa produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo*, 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ASCOM. *Tecnologia criada no IMD e utilizada no Museu Câmara Cascudo recebe registro de software*. Disponível em: <https://portal.imd.ufrn.br/portal/noticias/5960/tecnologia-criada-no-imd-e-utilizada-no-museu-c%3%A2mara-cascudo-recebe-registro-de-software->. Acesso em: 8 de jun. 2020.

BRAGANÇA-GIL, Fernando. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. In: SILVA, Armando Coelho da; SEMEDO, Alice (Coord). *Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Secção de Museologia, 2005. p. 33-52.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. ICOM statutes: approved in Vienna (Austria) August 24, 2007. Paris, 2007. Disponível em: <http://icom.museum/statutes.html#top>. Acesso em: 7 jun. 2017.

JORNAL DOIS PONTOS, 26 de abril de 1984.

LOURENÇO, M. C. *Between Two Worlds: The Distinct Nature and Contemporary Significance of University Museum and Collections in Europe*, unpublished PhD dissertation, Conservatoire National des Arts et Métiers. Paris 2005.

LOURENÇO, M. C. Nota breve sobre os museus e coleções das universidades europeias. *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, Portugal, n. 19, p.13-18, mar. 2006.

MEDEIROS, Jailma da Silva. *Implantação de campos e propostas de gerenciamento da coleção de etnologia do Museu Câmara Cascudo/UFRN no Sistema ACERVUS/UFRN*. 2018. 183f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018

PASCOAL, Ana Mehnert; TEIXEIRA, Catarina; LOURENÇO, Marta C. *The University of Lisbon's Cultural Heritage Survey (2010-2011)*. UMACJ 5, 2012. p. 101-110.

MANCEBO, Deise; MAUES, Olgaíses; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 28, p. 37-53, Dec. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 abr. 2020.

MUSEU CÂMARA CASCUDO. *Relatório de Gestão 2007-2011*. Natal: UFRN [2011].

MUSEU CÂMARA CASCUDO. *Relatório de Gestão 2011-2015*. Natal: UFRN [2015].

PESSOA, Nara da Cunha. *Museu vivo: uma análise do Museu Câmara Cascudo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais. Natal, 2009.

SILVA, Bruno Santana da. Análise do uso de QR Codes na exposição de icnologia do Museu Câmara Cascudo. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2020. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/current/showToc>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SILVA, Jacqueline Souza. *Instituto de Antropologia: um espaço para a ciência no Rio Grande do Norte (1960-1973)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. *Relatório de Gestão 2019*. Natal: UFRN [2011].

